

POSSESSING HER — LIVRO UM

QUANDO

FORES

MINHA

MORGAN BRIDGES

TOP
SEL
LER

*Se achas que uma personagem stalker é sexy,
este livro é para ti.*

Podem encontrar uma lista de *trigger warnings* no meu website:
<https://www.authormbridges.com/>

Bem-vindos ao Lado Negro.

Capítulo 1

Hayden

Matei-o.

O senador não é o primeiro e não será o último. Existe nisto uma satisfação, ainda que passageira, semelhante a uma chama que rapidamente se apaga. Morre e desaparece.

Como as minhas vítimas.

A justiça é uma amante que chama por mim e me abraça para me foder. E para me deixar desamparado. Vazio. Desejando um desfecho que nunca terei.

A chuva cai num fluxo leve mas constante, pousando em todas as superfícies do cemitério.

Na erva.

Nas lápides.

Nos rostos dos enlutados.

A precipitação mistura-se com as lágrimas que escorrem pelas faces dos que contemplam o caixão. O desgosto está por todo o lado, permeando a atmosfera como um nevoeiro denso. Permito que me cubra, que me envolva, que me ofereça paz. É raro sentir uma serenidade assim. Os funerais das minhas vítimas são dos poucos lugares em que sinto isto, motivo por que nunca falto.

Para completar o ritual...

Pôr fim a uma vida.

Fazer justiça.

Começar de novo.

Passo o meu olhar pelos presentes, um mar de negro contra um fundo verde, uma mancha de tinta num campo cor de esmeralda. Estão reunidos, encostando-se uns aos outros para darem e receberem conforto, uns chorando em silêncio enquanto outros fungam alto. Todos eles desfeitos.

Exceto uma.

A única pessoa que devia estar em pedaços mantém a dignidade. Mas não é por não se importar. Não, ela ama o defunto. Profundamente. Todas as vezes que inspira são um desafio, como se estivesse a ser estrangulada, e estremece de dor sempre que os seus olhos de avelã pousam no caixão de mogno.

Sem deixar cair uma lágrima.

Ainda não. Mas todos acabam por chorar. É outra parte do ritual que aprecio.

Contudo, ainda não consigo compreender porque choram as pessoas o mal. Deviam sentir-se aliviadas por haver menos um assassino no mundo. Menos um homem que faz de mulheres e crianças inocentes as suas vítimas. Suspeito que seja por não terem consciência das ações vis levadas a cabo pelos seus entes queridos. Se tivessem, exprimiriam medo, não tristeza.

A Calista Green é requintada na sua melancolia.

Esta mulher é o exemplo perfeito de como deve ser a filha de um político. Roupa imaculada e engomada, maquilhagem irrepreensível e o comprido cabelo escuro enrolado e apanhado no alto da cabeça de uma forma que acentua a bonita curva do seu pescoço. O que realmente completa a imagem é o colar de pérolas que usa, sobre as quais passa ocasionalmente os dedos para se acalmar.

Na qualidade de única parente viva, é nela que me concentro. Não por ser uma mulher jovem e atraente, ainda que tivesse de estar morto para não reparar. Humor fúnebre vindo de mim. Como é raro... e divertido.

Apesar da sua beleza, é a menina Green que observo com a respiração suspensa, o meu peito subindo e descendo ao mesmo

tempo que o dela, inclinando o corpo para diante de cada vez que ela se mexe. É a ela que estou ligado neste momento.

Existe poesia, uma enorme ironia em ter tirado a vida ao homem responsável pela vitalidade que lhe corre nas veias. Que faz bater o seu coração. A subtil oscilação do seu pulso enquanto passa a mão pela garganta chama-me a atenção repetidas vezes.

A maioria das mulheres é delicada, precisa de proteção. Mas apenas no sentido físico. Emocionalmente, são mais inteligentes, estando em maior sintonia com os sentimentos que tendem a dominar as suas vidas.

Os mesmos que destruí em mim.

Especificamente, os doces e ternos: adoração e compaixão. Quer se trate de gostar de outra pessoa ou mesmo de amor. Qualquer que seja o seu nome, conduzem à fraqueza. E esta resulta em dor e sofrimento.

E na chegada de emoções mais sombrias.

São essas que me permito ter, as que ditam as minhas ações e alimentam a minha ambição. Frustração. Raiva. Nojo. Até o desejo, se refletir atos egoístas; a gratificação que proporciona, tanto mental como fisicamente.

Estas são coisas que compreendo e controlo, para que não tentem apoderar-se de mim — como tentam fazer de vez em quando.

Não sou um homem perfeito. Só as minhas intenções são.

O pastor pede a todos que baixem as cabeças em oração, no que é atendido. Exceto por mim. E por ela.

A menina Green limita-se a olhar em frente, sem pestanejar, o olhar brilhante enquanto pensa, os seus olhos transformando-se em mel cristalizado. Continuo a observá-la. A escrutiná-la. Quanto mais o faço, mais o meu interesse aumenta.

Em que estará a pensar?

E onde raio estão as lágrimas?

A encomendação a uma divindade invisível termina e todos levantam as cabeças. Uma mulher de meia-idade, a antiga governanta da casa dos Greens, cobre o rosto com ambas as mãos. O seu

corpo roliço estremece com a força dos soluços. Reais ou fingidos, não tenho a certeza.

A menina Green não se detém a questionar a autenticidade das lágrimas. A mulher mais jovem abraça imediatamente a mais velha, com os seus carnudos lábios cor-de-rosa a murmurarem palavras de conforto enquanto dá palmadinhas na governanta até a mulher recuperar a compostura.

O pastor aponta para o caixão, propondo que todos façam as suas despedidas. O primeiro homem a aproximar-se é o motorista da família. Tem o chapéu na mão e a cabeça baixa. A sua boca move-se por instantes, sendo claramente um homem de poucas palavras, e em seguida recua.

Antes de se poder misturar com os presentes, a filha do senador aproxima-se dele e pega-lhe mão. Dirige um sorriso ao homem — triste, mas ainda assim um sorriso — e diz-lhe algo que faz o motorista endireitar os ombros com orgulho. A interação entre ambos é familiar, confortável.

Semicerro os olhos, sem me preocupar em esconder o meu ceticismo. Ninguém consegue ver-me a esta distância, mas dou por mim a querer aproximar-me mais. Aproximar-me dos entes queridos das minhas vítimas vai contra as minhas regras, por isso não o faço. No entanto, as regras não diminuem a minha vontade. A minha necessidade de observar as coisas com maior profundidade para poder compreender.

A menina Green deixa-me perplexo.

É a pessoa mais devastada com a morte do senador, contudo, é ela quem oferece conforto em vez de o receber. E não a qualquer pessoa, mas aos seus funcionários. Pessoas em que não devia reparar, a menos que tivesse uma tarefa para algum deles levar a cabo.

Conheci muitos homens e mulheres da classe alta, e nenhum tinha uma relação pessoal com os seus assalariados. Acreditam que não é digno de si. É uma divisão financeira que existe desde que dinheiro e estatuto se tornaram relevantes na cultura humana.

Mas não é o caso da menina Green.

Ela trata todos os indivíduos como pessoas de valor.

É confuso... e revigorante. Se for real.

Não acredito que seja sincera. Um funeral é uma desculpa perfeita para uma mulher mostrar compaixão e atenção. Para que possa brilhar sob os holofotes e ser adorada pelo simples facto de existir. É possível que seja por isso que ainda não chorou.

A menina Green está a preparar o seu palco.

Isso é algo que entendo e que testemunhei em diversas ocasiões. Ela não será diferente dos outros. Da mesma forma que usa o colar de pérolas, usará o seu egoísmo disfarçado de desgosto.

Por isso, aguardo.

A minha expectativa aumenta com cada pessoa que se aproxima do caixão. Afastam-se pouco depois, mas não sem que a filha atenciosa se despeça deles, segurando na mão um lírio como quem se agarra a uma corda de salvação. A chuva cai mais forte e mais depressa, dispersando os enlutados como um bando de corvos, e o grupo depressa desaparece.

Até só restar uma pessoa.

A menina Green está imóvel, com uma expressão estoica no rosto. O seu cabelo, ensopado pela chuva, pinga água para a roupa já encharcada. Não se move durante um longo instante, apesar da tempestade, apesar da falta de público.

A sua imobilidade continuada atrai-me, impele-me para ela. Ajusto a gola do casaco para me esconder o rosto e avanço gradualmente na sua direção. Para quem passe por mim, pareço alguém que visita um defunto. Noutra dia qualquer, isso seria verdade.

Já chorei alguém.

Uma vez.

Os meus passos aproximam-me o suficiente da mulher para que veja o seu lábio inferior tremer, agora arroxeadado devido ao frio que se faz sentir. A menina Green abraça a própria cintura, ainda com a flor na mão, e cai no solo com um pequeno grito de angústia.

Finalmente, as lágrimas fazem a sua aparição.

Ela inclina a cabeça para trás, como se oferecesse a garganta pálida, o que faz os meus dedos contorcerem-se. De olhos fechados e lábios entreabertos, a mulher soluça. Não sou dotado de empatia, mas, se fosse, sentir-me-ia desfeito ao ouvir um som tão desesperado.

Mesmo assim, sinto um estranho aperto no peito.

Que se intensifica à medida que ela chora, quanto mais lágrimas ela verte.

Não existe público, nem um espetáculo para dar. Ela é apenas uma filha que chora a perda do pai. Em privado.

A menina Green esperou até estar sozinha para poder chorar adequadamente, uma revelação que eu não esperava. O seu comportamento é um desvio da norma.

A decepção apodera-se de mim juntamente com a confusão e franzo o cenho. Pela primeira vez, a alegria que retiro dos funerais desapareceu.

A minha satisfação foi-me negada.

E substituída por uma desconfortável sensação a que me recuso dar nome. Algo de que eu devia ser incapaz.

Mas que está presente, ainda assim.

A menina Green é a causa disso.

Percorro a mulher com o olhar enquanto ela se levanta e se dirige lentamente para o caixão, com a roupa e as pernas sujas de erva e de lama. A sua imagem deixou de ser perfeita. O lírio que segura na mão direita balança com os tremores que lhe abalam o corpo, desalojando gotas de chuva que são rapidamente substituídas pela tempestade. E pelas lágrimas que verte.

Murmura entrecortadamente algo que não consigo perceber e beija as pétalas da flor antes de a colocar na superfície de mogno, entre as outras flores. Depois dirige-se para o veículo que espera junto ao passeio. Vejo-a entrar na viatura e desaparecer de vista.

Em seguida, avanço até ao caixão. Olhando para baixo, semi-cerro os olhos de desprezo pelo homem que esconde, curvando os lábios num esgar.

— Causaste dor antes e depois de morreres. Se te pudesse matar de novo, mataria.

Estendendo a mão, passo os dedos sobre o lírio que a menina Green segurava com tanta força, sentindo a textura tão suave como imagino que seja a sua pele. Pego-lhe e encosto os lábios à pétala que ela beijou pouco antes, inspirando profundamente. A fragrância da flor enche-me as narinas, juntamente com o odor da mulher que agora me invade os pensamentos.

Ela é um mistério.

Um problema.

Um problema que pretendo resolver para depois me livrar dele. Custe o que custar. Ou o preço que pagarei será a minha sanidade, o que ainda restar dela.

Capítulo 2

Calista

— Qual é a pergunta que qualquer mulher quer que lhe façam pelo menos uma vez na vida?

Paro de limpar o balcão e olho para a Harper como se ela tivesse perdido o juízo. Porque provavelmente perdeu. Tudo o que lhe sai da boca nunca deixa de me surpreender. E costuma deixar-me muda de espanto enquanto coro profusamente.

Preparo-me e arrisco, sabendo que tenho um por cento de possibilidades de acertar.

— Queres casar comigo?

— Também te amo, mas não — responde a minha colega, revirando os olhos. — Porque é que um homem não pode perguntar simplesmente: «Queres que vá a tua casa e te coma a cona até te vires na minha cara?»

— Acho que estou a ter um enfarte — arquejo.

Ela sorri para mim, com um brilho nos olhos verdes e uma expressão ferina.

— Só estou a dizer que se um tipo alguma vez me perguntar isso, caso-me com ele. Depois de me sentar na cara dele.

A Harper apanha-me sempre. Nem sei porque tento manter a compostura, mas creio que é por ter sido educada assim. Não é possível ser a filha de um senador e não ter consciência de como se é vista pelo público.

De todas as vezes.

Levanto a mão para prender uma madeixa solta de cabelo atrás da orelha, apenas para me lembrar de que entranchei o cabelo para o manter longe do rosto. Ainda a precisar da satisfação mental que me transmite cuidar da minha aparência, baixo o braço e passo os dedos pelo colar de pérolas escondido sob a minha t-shirt. As formas suaves e redondas, familiares e uniformes, fazem-me exalar lentamente, enquanto o meu estado de agitação de dissipa.

A Harper volta-se ao ouvir o som da porta a abrir e cumprimenta o cliente como se não tivesse acabado de me dizer algo chocante.

— Bom dia, Sr. Bailey. Como está hoje?

O ancião acena com a cabeça uma vez, avança em passo trôpego até ao balcão e pousa as mãos enrugadas na superfície. Olha para a ementa, franzindo a testa pensativamente. Como se não pedisse o mesmo todos os dias.

— Acho que vou pedir um queque de mirtilo e um café. Simples.

— Com certeza — responde a Harper, pegando num copo e garatujando o nome do homem.

Dirijo-me para o expositor e abro a porta de vidro. Com uma pinça, pego no maior queque e ponho-o num saco de papel, que coloco diante da caixa registadora. Depois de pressionar algumas teclas, apresento a conta ao Sr. Bailey. Ele entrega-me as notas necessárias e eu separo-as na registadora, todas voltadas para cima, com os números de série na mesma direção.

— Se estes não fossem os melhores queques da cidade, juro que nunca mais cá voltava — resmunga o homem.

Tem razão. Acho que os bolos do Sugar Cube são os melhores, e o motivo por que ainda não morri de fome. Como seria possível, se o meu chefe me deixa comer tudo o que quiser durante o horário de expediente?

— Aqui tem o seu troco — digo. — Tenha um bom dia.

Depois verto um pouco de desinfetante e espalho-o por ambas as mãos.

O dinheiro é uma coisa nojenta. E refiro-me a isso em todos os sentidos possíveis. O que não me impede de precisar dele.

O Sr. Bailey bufa e pega nas suas coisas, dirigindo-se para o lugar do canto, onde o jornal do dia se encontra em cima da mesa. Como acontece todos os dias. Acomoda-se na cadeira e pega no jornal, não sem antes me dirigir um olhar. Depois de me agradecer com um breve aceno, o olhar do homem abandona o meu para absorver as palavras da página.

— Ora, onde estávamos? — pergunta a Harper.

Levanto as mãos numa paródia de rendição, com o aroma a limão do desinfetante a provocar-me as narinas.

— Não quero continuar essa conversa — respondo.

— Tens sorte, porque acaba de entrar outra pessoa — sussurra-me ela. — Bem-vindo ao Sugar Cube — saúda a Harper em tom normal, recebendo o recém-chegado. — O que lhe posso servir nesta bela manhã?

O olhar do homem crava-se em mim e faço-lhe um sinal para que espere, com um pequeno aceno.

— Ele está aqui por minha causa — digo à Harper.

— Em que qualidade? — Ela observa o homem sem pudor, tomando nota da roupa informal e da expressão neutra. — Negócios ou prazer?

— Negócios.

— Podiam ser as duas coisas.

— Não, não podiam — replico, com um suspiro de exasperação. — Com sorte, não deve demorar.

— Não te preocupes — responde, fazendo sinal com a mão para que não me preocupe. — Não há problemas até à hora do *brunch*.

Tiro o avental, sinalizando que estou no intervalo, e limpo as mãos pegajosas às calças de ganga.

— Bom dia, Sr. Calvin. Por aqui.

O homem segue-me até às cadeiras que estão mais afastadas do Sr. Bailey. E da Harper. Ela pode ser a minha melhor amiga — a minha única amiga —, mas os pormenores do homicídio do meu

pai não são algo que queira discutir com ninguém. Eu própria mal consigo processar o crime, e já se passaram quatro semanas desde que o enterrei. E que contratei este investigador privado.

— Descobriu alguma coisa? — pergunto-lhe, baixando a voz e inclinando-me para diante.

— Este caso está a ser mais difícil do que eu esperava — responde o homem, fazendo que não com a cabeça. — Sendo o seu pai um político de elevado perfil, sabia que teria de procurar muito para descobrir a verdade. No entanto, está tudo tão profundamente enterrado que não tenho a certeza de conseguir encontrar a pessoa responsável pela sua morte.

O meu coração quebra-se e os fragmentos caem, atingindo-me a caixa torácica antes de se alojarem no meu estômago.

— O meu pai era a única família que eu tinha — observo. — Preciso de saber o que lhe aconteceu. Por favor, ajude-me a levar o assassino à justiça.

Pisco os olhos para conter as lágrimas enquanto o homem esfrega o queixo.

— Menina Green... — começa.

— Trate-me por Calista — interrompo, forçando um sorriso. O meu pai sempre me disse que para nos tornarmos humanos para os outros é necessário derrubar barreiras sociais, deixando-os ver a pessoa de carne e osso por baixo delas. — Já trabalhamos juntos há várias semanas, e agradeço muito os esforços que desenvolveu até agora.

Esses «esforços» tinham-me custado cada cêntimo que possuía. O nome do meu pai pode ter sido limpo em tribunal, mas não as suas dívidas. Entre pagar as despesas legais e contratar este homem para investigar a sua morte precoce, estou a uma curta distância de viver na rua.

É irónico, uma vez que fui voluntária num abrigo para crianças.

— Há uma linha de investigação que posso experimentar — diz o homem —, mas exigiria que contratasse os meus serviços por mais um mês.

— O pagamento do mês passado não foi suficiente para cobrir isto? — pergunto, suavizando a expressão para que o pânico que sinto não se note. — Especialmente, tendo em conta que não descobri nada de novo.

— Menina Green, recebo com base no tempo que despendo, não em resultados sobre os quais não tenho controlo.

— Compreendo. Acha que posso pagar no final do mês? — Estendo as mãos num gesto de súplica quando ele ergue o sobrolho e aperta os lábios. — Já pedi para trabalhar mais horas aqui, e também me candidatei a outros empregos. Só preciso de tempo para juntar o dinheiro. Mais nada.

O homem fixa em mim um olhar que me deixa hirta.

— Conhece a minha política — responde. — Pagamento adiantado. Não negociável.

O seu tom seco corta-me como pederneira, acendendo a minha raiva.

— Como é que eu posso ter a certeza absoluta de que está mesmo em busca de pistas? — pergunto, semicerrando os olhos. — Talvez esteja apenas a ficar com o meu dinheiro sem fazer absolutamente nada.

— Se mudar de ideias e conseguir os fundos necessários, tem os meus contactos — responde ele, pondo-se de pé. — Adeus, menina Green.

Levanto o olhar para ele, indecisa entre implorar pela sua ajuda e deixar que se vá embora. Acabo por morder o lábio e permanecer sentada. Acontece que não tenho o dinheiro, e choro nenhum mudará isso. No entanto, a ideia de não fazer progressos em relação ao homicídio do meu pai deixa-me uma crescente sensação azeda no estômago.

A pessoa que matou o meu pai roubou-me tudo. Não apenas um pai amoroso, mas a minha segurança física e financeira. Assim como o meu futuro.

A Harper deixa-se cair na cadeira vazia diante de mim, dirigindo-me um olhar preocupado.

— Aquilo foram mesmo negócios, não prazer — observa.
— Estás bem?

— Sinceramente? Não sei.

— Queres um *cake pop*? Parece que te animas sempre que comes um.

Faço que não com a cabeça

— Caramba — continua ela, inspirando com força. — Seja o que for que tenham discutido deve ter sido sério, para não queres um *cake pop*. Aquele idiota ameaçou-te ou algo do género?

Abano de novo a cabeça em sinal de negação.

— Não tinha a informação que eu pretendia — explico —, e eu não tenho dinheiro suficiente para continuar a pagar-lhe.

— Um investigador privado. Era de calcular. Ele é tão cliché, com o sobretudo e o resto. — Surge uma ruga de desagrado no nariz dela. — Como se isso o ajudasse a ser melhor detetive.

— Estamos em pleno inverno e está um gelo lá fora — respondo com um sorriso triste. — A maioria dos homens que aqui entram usa sobretudo.

— Não me fazes mudar de ideias — insiste a minha amiga, estendendo a mão sobre a mesa para agarrar a minha. — Ele é um falhado. Esquece-o.

— Terei de o fazer, por agora.

Quem me dera conseguir ignorar também a culpa que sinto.

Capítulo 3

Hayden

Detesto surpresas.

Apanham-nos desprevenidos, obrigam-nos a mudar de planos e não deixam margem para erro. Para não falar no caos que se lhes sucede. Na minha linha de trabalho, tanto pessoal como profissionalmente, não me posso dar a esse luxo, motivo por que investigo as coisas tão aprofundadamente

O senador Green é um exemplo perfeito disso.

Quando estava prestes a tirar-lhe a vida, já sabia tudo sobre ele, incluindo os nomes de todos os membros do seu pessoal. E, naturalmente, sobre a sua filha.

A menina Green passou a ocupar o lugar do pai como único ponto de concentração da minha mente.

Não consigo parar de pensar nela, recordando e dissecando o seu comportamento, numa tentativa de o compreender. Para meu grande infortúnio, apesar de já saber bastante sobre a sua pessoa, não pareço estar mais perto de compreender o porquê de ela ser diferente.

Ou o motivo por que as suas lágrimas me afetaram.

Quero livrar-me do problema, da confusão e da falta de controlo que ela cria na minha vida. Só que não a vou matar, porque é contra o meu código de ética. Contudo, o mesmo não acontece com invadir a sua privacidade.

No último mês, descobri tudo o que há para saber sobre ela. E, no decurso desse tempo, foi como se a Calista Green tivesse deixado de existir. Eliminou todas as suas contas nas redes sociais, anulou a matrícula na universidade e a sua antiga residência é agora propriedade do banco. Não tendo um telemóvel, a sua pegada digital encolheu e continua a desaparecer.

O escândalo em torno do julgamento do pai, seguido pelo seu homicídio, irá mantê-la sempre sob o olhar do público. Mas isso não acontecerá se deixar de ser possível rastreá-la. Felizmente, estou preparado para isso.

Não posso deixar que aconteça nada à menina Green antes de resolver o mistério que ela é.

Por esse motivo, dei uma mãozinha para que ela conseguisse emprego no Sugar Cube. Fica perto do seu apartamento a pé, o que é conveniente para ela. Mas, ainda mais importante, fica perto do meu escritório. Isso permite-me que a siga até ao trabalho todas as manhãs, e até casa, à noite. Felizmente para mim, a menina Green vai sempre de transportes públicos para casa quando é de noite.

Mais um motivo para olhar por ela.

— Zack, conseguiste o tal *software* de reconhecimento facial? — pergunto, falando ao telemóvel.

— Com certeza, Sr. B. Eu consigo sempre o que é preciso. Já me conhece.

Reprimo um suspiro e recordo-me de que este é o melhor pirata informático que o dinheiro pode comprar, não apenas por causa do seu conjunto de competências, mas porque é uma das poucas pessoas em quem posso confiar.

— Ótimo. Espera. — Abro a aplicação da câmara no telemóvel e envio-lhe uma fotografia. — Quero que envies o perfil deste homem imediatamente para o meu e-mail.

Sendo «este homem» a surpresa que me irritou de imediato hoje.

— Com certeza, chefe — responde o Zack num tom demasiado alegre para as seis da manhã. — Não demora muito.

— Excelente.

Termino a chamada ainda com o olhar no rosto da menina Green. Tal como tenho estados nos últimos cinco minutos. Desde que se sentou com o desconhecido no Sugar Cube. Mudo de posição, deixando que a minha agitação flua por mim como água. Se isso não a alertasse, vigiá-la-ia no interior do café, em vez de ficar do lado de fora.

Depois daquele dia no cemitério, decidi conhecer todas as pessoas com quem ela interage, e aquela pessoa é um desconhecido para mim. É de estatura e constituição medianas, de aparência olviável, mas está na vida dela.

E é por isso que o guardo na memória.

Apesar de não conseguir perceber o que dizem, consigo decifrar as expressões da menina Green como se fossem palavras escritas em papel com tinta vermelha garrida.

Deixa cair os ombros e o brilho nos seus olhos diminui enquanto o homem fala. O seu lábio inferior treme, como acontece sempre que está angustiada e tenta conter as lágrimas. Seja o que for que ele diz, é algo que a perturba.

Isso faz-me sentir mais intrigado.

Ajusto o casaco e mantenho o meu posto no exterior, não muito longe da janela. A cidade fervilha à minha volta, com a banda sonora repleta de buzinas e de conversas de pessoas. Concentro-me apenas numa.

O alerta de e-mail do meu telemóvel soa e afasto relutantemente o olhar da menina Green. Depois de premir o ecrã algumas vezes, vejo o rosto de um homem e analiso rapidamente a informação que o Zack me enviou.

O desconhecido é um investigador privado que dá pelo nome de Phillip Calvin. Ela deve tê-lo contratado antes do funeral, ou eu teria sabido dele.

O que é que procura, menina Green?

É o assassino do seu pai?

É a mim que procura?

Enfio o telefone no bolso do casaco e volto a olhar para o homem. O Calvin levanta-se e o rosto da mulher é assaltado por uma expressão abalada, a sua pele tornando-se pálida. A forma como ela lhe responde só atiza a minha necessidade de obter informações.

Vou atrás do detetive assim que ele sai, com as abas do casaco a abanar devido ao meu passo acelerado. As perguntas sucedem-se na minha mente, as anteriores lutando pelo domínio à medida que as novas surgem, fazendo as minhas têmporas latejar. Quando o homem entra numa rua menos movimentada, vibro de energia por gastar e de necessidade de respostas.

— Sr. Calvin — chamo.

O homem volta-se, de sobrolho levantado.

— Conheço-o? — pergunta.

— Não, mas eu sei tudo sobre si — respondo, abanando a cabeça. — Qual é a sua relação com a menina Green?

O Calvin semicerra os olhos.

— Não lhe vou dizer nada — responde. — Não é assim que trabalho.

— Agora é — continuo. Chego junto dele e o seu olhar torna-se preocupado. — Dê-me todas as informações relativas à filha do senador. Agora.

O homem solta um som trocista. Mas é um som fraco e vazio, prova de que a confiança começa a faltar-lhe.

— Afaste-se de mim, raios. — Agarra o casaco e puxa-o para trás o suficiente para que eu vislumbre a arma de fogo que traz à cintura. — Estou a avisá-lo.

— A sério? — pergunto, franzindo um sobrolho.

A minha mão sai disparada, com a força da minha raiva crescente. Cerro os dedos em volta da garganta do homem e o chiado que lhe sai da boca enche-me de satisfação. Com a mão livre, pego na arma dele e cravo-lhe o cano no flanco, arrancando-lhe um grunhido. Ele imobiliza-se, estendendo os braços num gesto de rendição.

— Parece que eu é que o aviso a si, Sr. Calvin.

— A *pen* no meu bolso do lado esquerdo — diz em tom engasgado. — Contém o ficheiro dela.

— Não foi assim tão difícil.

Solto-lhe a garganta. O homem inspira em grandes golfadas, levando a que o cano da arma lhe pressione mais a caixa torácica. Pego na *pen* USB e, uma vez com ela em meu poder, baixo a arma sem deixar de a segurar com firmeza.

— Qualquer acordo que tenha com a menina Green termina hoje. De agora em diante, assumo eu a investigação. Não entrará em contacto com ela seja por que motivo for. Se eu souber que falou com ela ou que promoveu qualquer encontro, irei atrás de si. E nessa altura as coisas ficarão interessantes. Acene se percebe o que lhe estou a dizer.

O homem balança a cabeça para cima e para baixo, com o olhar esgazeado.

— Muito bem. — Retiro rapidamente o carregador da arma e qualquer bala que pudesse ficar na câmara antes de lhe devolver a arma vazia. — Lembre-se do que lhe disse. A menina Green está fora do seu alcance.

E de qualquer outra pessoa.

Só até eu descobrir porque é que ela me afeta de formas que não consigo compreender.

Ou explicar.

Capítulo 4

Calista

A Harper aperta-me os dedos.

— De certeza que não queres um *cake pop*? — Suspira e retira a mão quando faço de novo que não com a cabeça. — Pronto.

A porta abre-se. Levadas pelo hábito, voltamos o olhar nessa direção. E o meu dia passa de horrível para uma completa merda.

Semicerro os olhos enquanto os da Harper se arregalam.

— Quem é aquele? — pergunta, quase sem fôlego.

— É mais um idiota de sobretudo.

O homem enverga um fato azul-marinho feito por medida que se adequa na perfeição à sua figura alta e atlética. A camisa branca impecável acentua-lhe os ombros largos, enquanto a gravata de seda que lhe pende do pescoço enfatiza o comprimento do tronco. Por cima do fato, usa um sobretudo cinzento-escuro pelos joelhos. O sobretudo desabotoado permite um vislumbre da roupa cara por baixo e confere-lhe um ar de sofisticação informal.

Nada na roupa elegante que veste se compara com a beleza do seu rosto.

Olha em frente, o que me permite uma visão do seu queixo quadrado e perfeitamente barbeado e do cabelo escuro penteado em propositada desordem, com uma rebelde madeixa preta a roçar-lhe a testa. O homem tem lábios generosos que formam uma boca que pode facilmente abrir-se num sorriso ou estreitar-se num

esgar de reprovação. Nunca vi o primeiro, mas tenho muita experiência com o segundo.

A Harper sorri para mim, sem desviar o olhar do recém-chegado.

— Eu vi primeiro.

— Podes ficar com ele — murmuro.

Mas ela já se foi, deslizando até à caixa registadora.

— Bom dia, senhor — saúda. — Bem-vindo ao Sugar Cube. O que lhe posso oferecer?

— Um café simples. Duplo.

A voz dele enche a sala com a sua presença. Imperiosa, mas suave, como seda sobre pele. Obrigo-me a olhar pela janela, apesar de o meu corpo insistir para que olhe para ele.

— E em que nome fica o pedido?

O homem ergue a sobrancelha castanha como que para dizer à Harper que a pergunta é ridícula, uma vez que ele é a única pessoa na fila. Mal sabe ele que ela possui força de um espartano. No que diz respeito à ousadia, se alguém podia dar luta a Gerard Butler, é ela. Imagino-a facilmente a gritar «Isto é o Sugar Cube» na cara de um cliente.

A minha amiga limita-se a esperar, sem que o seu olhar perca o arrojo ou o sorriso qualquer malícia.

— Bennett — responde o homem, mordendo as sílabas.

A minha colega sorri para ele, com o verde dos seus olhos de esmeralda iluminado pela pequena vitória.

— Com certeza, Sr. Bennett. — Pega no marcador com um floreado de artista e escreve no copo como se lhe desse um autógrafo.

— Mais alguma coisa?

Ele faz que não com a cabeça e uma madeixa de cabelo cai-lhe para a testa. Pelo canto do olho, vejo os dedos da Harper endireitarem-se. Tudo o que ela quer é pentear a madeixa errante, para lhe tirar o ar despreocupado.

E a roupa.

Se estivessem sós e o Bennett disposto a isso, estou certa de que a Harper o deixaria vergá-la sobre o balcão.

Que eu desinfetaria por completo.

É possível que ainda o faça. Juro que as suas autoproclamadas «vibrações de tesão», ou *feromoam-me* — sim, foi assim que me disse que pronunciasse — são como uma vulgar constipação: contagiosas e inconvenientes. Só de pensar nisso já olho para o meu desinfetante de mãos, do outro lado da sala.

— São três dólares e cinquenta — diz a Harper. Espera que ele passe o cartão bancário antes de se apressar a servir-lhe o café.

Com a transação quase concluída, levanto-me. O olhar do Bennett cruza-se com o meu. É uma coisa breve, nem chega a um segundo, mas deixa-me congelada.

A frieza que emana dos seus olhos azuis sempre teve este efeito em mim desde o meu primeiro encontro com ele, na sala de audiências, meses antes, e de todas as vezes depois dessa.

Reprimo um arrepio e ergo o queixo, concentrando a minha atenção no expositor de pastelaria. Uma vez atrás do balcão, mantenho o olhar baixo, como se o meu avental fosse a chave da minha sobrevivência ou um escudo contra o olhar penetrante do Bennett.

No preciso momento em que ele se senta do outro lado da sala, a porta abre-se para dar entrada a um grande grupo de clientes. É uma abençoada distração, que corta a tensão que paira no ar. Quem vem à corrida ao *brunch* não chega aos poucos, o que nos daria tempo suficiente para os servir sem incitar a sua impaciência. Nada disso, entram em manada e dominam por completo o espaço com uma fila comprida.

— Bem-vindos ao Sugar Cube — saúdo. — O que vos posso servir?

Depois de aceitar vários pedidos, cada cliente mais resmungão do que o anterior, já não me dou ao trabalho de cumprimentar. Até os meus «olás» são menos sentidos e alegres.

Olho para o cliente diante de mim para perguntar o que deseja e as palavras colam-se-me à língua. O homem parece um urso-pardo, com o cabelo despenteado e o olhar esgazeado. A sua roupa, uma

camisa aos quadrados e umas calças de ganga rasgadas, está coberta de nódoas. É quanto basta para me fazer inclinar para trás, como se a sujidade que o cobre pudesse saltar sobre o balcão e sujar-me. Enfim, ainda mais do que já estou.

Olho para o desinfetante de mãos com ânsia.

Se achasse que podia aspergi-lo com ele sem ser ofensiva, fá-lo-ia. Ainda que não tenha a certeza de que fizesse diferença. Sei que não me ajuda a sentir-me mais limpa, por mais vezes que desinfete as mãos.

— Quero uma sanduíche italiana de bacon, alface e tomate e um café simples — diz o homem. — E é bom que não demore o dia todo.

O seu tom áspero, combinado com os meus nervos já em frangalhos, faz-me tremer. A sensação de exaustão é normal, mas a apreensão é novidade. A Harper entrega-me a bebida dele e eu apresso-me e pôr uma manga no recipiente quente para não me queimar.

Só que falho a base do copo. O meu movimento súbito faz com que o café se entorne sobre os meus dedos. Salto para trás com um grito quando o café me queima a pele e o líquido quente se espalha sobre o balcão — e parcialmente sobre o cliente.

A Harper observa-me junto à máquina do café enquanto limpo a mão ao avental. A sala não fica em silêncio, mas as conversas à minha volta tornam-se abafadas, vencidas pelo zumbido da minha pulsação nos meus ouvidos.

O homem bate com a mão na caixa registadora e inclina-se para diante. Pisco os olhos quando olho para ele. Os músculos do meu corpo contraem-se a cada movimento das minhas pestanas, até que me torno uma mola de tensão, pronta para saltar.

Apesar de nunca ter tido um emprego antes da morte prematura do meu pai, nunca ignorei como a vida funciona fora da nossa propriedade. As pessoas sentem emoções, tanto boas como más, e eu encontrei a minha dose. No entanto, não estou habituada a este tipo de comportamento.

— Mas que raio se passa consigo? — grita ele na minha cara.

— Peço desculpa — digo, esquecendo de imediato as queimaduras menores nos meus dedos. — Foi um acidente.

— Não quero saber.

A Harper franze o sobrolho e levanta o pé para se dirigir para mim enquanto o meu lábio inferior treme. Sinto a raiva a crescer em mim perante o desrespeito do homem, mas o que mais me frustra é a minha impotência. Não direi nada porque não posso dar-me ao luxo de perder a minha única fonte de rendimento. Mas não é apenas isso. Se a altercação passar de verbal a física, correrei perigo. Na verdade, é possível que já esteja em apuros.

— Peça desculpa. — A voz grave que soa perto de mim é calma, mas ao mesmo tempo sombria e agoirenta, como a de um carrasco.
— *Agora.*

O silêncio seria completo se não fossem os sons que chegam da rua. Parece que um vácuo sugou todo o ar da sala. A minha respiração fica presa nos pulmões e o meu corpo treme com o esforço para respirar. Desvio a atenção da ameaça à minha frente para a que surgiu ao meu lado.

É o Sr. Bennett.

Está tão perto de mim que o calor do seu corpo se entranha na minha roupa, aquecendo-me a pele. Coro instantaneamente. Ainda assim, não consigo desviar o olhar.

Ele não olha para mim. Nem uma vez.

— Se tiver de me repetir, as coisas vão tornar-se... desagradáveis.

O cliente balbucia qualquer coisa, com uma expressão de incredulidade nos olhos semicerrados.

O Bennett despe o casco e estende-mo. Atónita e com os lábios ligeiramente abertos, olho para ele. O seu rosto é totalmente inexpressivo. Mas os seus olhos... são glaciais, duas lâminas de gelo afiadas que emitem um brilho letal.

Pego automaticamente no casaco e o seu cheiro sobe-me ao nariz. É uma combinação de especiarias e hortelã-pimenta, refrescante e limpa. É inebriante.

— Mas que raio? — O cliente zangado desvia o olhar para ele e inclina-se mais sobre o balcão. — Quem é você?

O Bennett olha para o botão de punho. Os seus dedos compridos retiram o metal através da abertura estreita no tecido, uma serpente de prata com um rubi a fazer de olho. Os seus gestos são precisos, mas sem pressas. Entregue-me um botão de punho e depois o outro, antes de enrolar lentamente a manga da camisa.

Fico imóvel, com o seu casaco dobrado sobre o braço e os botões de punho na mão, vendo-o expor a pele dos antebraços. É como se ele se despisse. Até a Harper fica presa ao seu lugar, com o olhar fixo nos movimentos hipnotizantes do Bennett.

Enrolada uma manga, começa a enrolar outra. O coração falha-me no peito, mas não consigo desviar o olhar. Algures nas profundezas do meu cérebro, penso que desprezo este homem. Um pensamento apagado pela mulher que existe em mim.

Uma fêmea que aprecia a visão de um macho belo e poderoso.

Acho que, no fundo, somos animais, sempre em guerra com os nossos instintos básicos. Do mesmo modo que tenho combatido a atração que sinto pelo advogado desde que o vi pela primeira vez.

— O que é que vai fazer? — pergunta o cliente, rindo entredentes, um riso que soa a descrença com um toque de inquietação. — Bater-me?

— Se necessário — responde o Bennett.

— Ela não passa de uma tipa qualquer.

— Está enganado.

O Bennett cerra os punhos junto aos flancos, com as mangas arregaçadas até aos cotovelos, e inclina a cabeça. As luzes do teto cobrem-no de brilho, mas a promessa sombria na sua voz afasta qualquer indicação de que seja um anjo.

A menos que o comparemos com Lúcifer...

Seguro o casaco do Bennett com mais força, apertando-o contra o peito enquanto sou atingida por uma onda de energia. Emanada dele para mim como uma brisa de inverno, gelando-me até aos ossos.

— Como queira — continua o cliente.

O Bennett acena com a cabeça uma vez. Qualquer que seja a conclusão a que chegou, faz-me dar um passo atrás. Os seus olhos brilham de convicção imediatamente antes de lançar a mão para diante, agarrando o homem pela garganta.

— Caraças — murmura a Harper atrás de mim.

Faria eco do mesmo sentimento se não me faltassem as palavras.

— Que raio...

O Bennett aperta com mais força, cortando a via respiratória do homem, enterrando os dedos na sua pele. Puxa-o por cima do balcão, mantendo-o parcialmente suspenso no ar enquanto o tipo se agarra à sua mão.

— Se as próximas palavras que lhe saírem da boca não forem um pedido de desculpa, vai perder a língua — diz o Bennett num tom inalterado, apesar do ar de violência que o rodeia. — Fiz-me entender?

Engulo em seco, pronta para obedecer, apesar de ele não estar a falar comigo. É isto que me assusta nele: o meu instinto imediato de fazer tudo o que ele diz. Ignoro essa necessidade, ainda demasiado estupefacta para fazer outra coisa além de observar o desenrolar da cena.

O cliente debate-se sob o aperto do Bennett e alguém atrás deles murmura algo sobre chamarem a polícia. O rosto do homem assume um tom doentio e as suas tentativas de se libertar cessam antes que o Bennett alivie o aperto. Mas apenas o suficiente para o homem inspirar rapidamente, como se por uma palhinha.

O homem olha para mim, com os olhos esbugalhados e a pele manchada. Reprimos uma careta quando ele abre os lábios secos e gretados para falar.

— Desculpe — diz.

Apesar de áspero e quase inaudível, não deixa de ser um pedido de desculpa.

Faço que sim com a cabeça, sem saber se estou a aceitar as desculpas ou a pedir ao Bennett que o largue. Só que ele não larga o homem. Em vez disso, o Bennett puxa-o mais para si.

— Se o voltar a ver, será a última vez — avisa.

Apesar de o tom do Bennett se assemelhar a um ribombar baixo, a ameaça é clara e evidente. Várias pessoas arquejam e olham para a porta, considerando se devem permanecer no local. O homem assente vigorosamente, tanto quanto possível com a grande mão do Bennett ainda a agarrá-lo pela garganta. Só quando os olhos do cliente parecem prestes a saltar das órbitas é que o Bennett o liberta finalmente.

O homem recua a cambalear e abre caminho por entre o grupo de pessoas que o contempla. Em seguida voltam para mim os seus olhares, mas estou concentrada no Bennett. Este estende a mão para pegar no casaco e nos botões de punho sem dizer uma palavra. Uma vez na posse das suas coisas, sai de trás do balcão e porta fora, deixando todos a olhar para ele.

Incluindo eu.

Acredito que as pessoas têm personalidades com diferentes facetas. Mas nunca me passaria pela cabeça que o Sr. Bennett, o procurador que tentou mandar o meu pai para a prisão, fosse o mesmo homem que também possui um certo grau de cavalheirismo.

Ou que o pusesse em prática em meu nome.

QUANDO FORES MINHA, NUNCA MAIS TE IREI LARGAR...

Hayden Bennett é um advogado decidido a fazer justiça pelas próprias mãos. Dentro e fora da sala de audiências, é um monstro, capaz de tudo — mas mesmo tudo — para conseguir o que quer. E o que ele mais quer é Calista, a filha do homem que acabou de matar.

Quando a viu pela primeira vez, desejou-a de imediato, mas esse desejo rapidamente se transformou em obsessão, levando-o a observá-la de perto — demasiado perto — e a aproximar-se dela sob falsos pretextos.

Calista não faz ideia do que esconde aquele homem que num momento de angústia lhe ofereceu ajuda, mas sente que há algo de intenso nele, o que a leva a baixar a guarda. Afinal, ele parece mesmo disposto a protegê-la.

Mas será boa ideia entregar-se a um homem assim?



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

@topseller.suma

penguinlivros

ISBN 9789895832521



9 789895 832521 >